

Características Essenciais do Ensino a Distância

Rurato, P. ¹, Borges Gouveia, L. ¹, Borges Gouveia, J. ²

¹ Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

² Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal

Resumo. O objectivo deste trabalho, é servir de orientação inicial para aqueles que desejam conhecer um pouco melhor, esta forma de ensino/aprendizagem, que é o ensino a distância (EaD). O ensino a distância, é um recurso de grande importância, também como estratégia de atendimento de grandes contingentes de alunos de forma mais efectiva que outras modalidades, sem que tal traga grandes riscos de reduzir a qualidade dos serviços oferecidos.

Pretende-se desta forma contribuir para o levantamento das características fundamentais do ensino a distância, considerando o contexto actual das tecnologias de informação e comunicação e, mais importante, dos aprendizes.

1 Introdução

A escolha pelo Ensino a Distância (EaD), como meio de dotar as instituições educacionais, de condições para atender às novas demandas do ensino e formação, tem sido vista como mais ágil, célere e qualitativamente superior. Tal tem por base a compreensão de que, a partir dos anos sessenta, o EaD começou a distinguir-se como uma modalidade não convencional de educação, capaz de atender com grande perspectiva de eficiência, eficácia e qualidade aos anseios de universalização do ensino e, também, como meio apropriado à permanente actualização dos conhecimentos, gerados de forma cada mais intensa pela ciência e cultura humana.

A sociedade da aprendizagem, parece ser uma realidade entre nós, pois não se pode mais parar de aprender. Diante desta realidade, o EaD tem se apresentado como uma alternativa de aprendizagem adequada à vida profissional, que torna necessário estar sempre actualizado.

Ao mesmo tempo que se enunciam as características gerais do EaD, expressas pelos principais estudiosos nesta área, o trabalho apresenta algumas considerações sobre os elementos, considerados fundamentais do EaD, apresentando as suas características de maior relevância: população estudantil relativamente dispersa, adulta, cursos que pretendem ser auto-instrucionais, pré-produzidos, comunicações em massa, organizadas em duas direcções, com um forte componente de estudo individualizado, mediado através do recurso a formas de conversação guiada, produção massiva de materiais de ensino/aprendizagem, com uma crescente utilização das novas tecnologias de comunicação, com uma tendência para adoptar estruturas curriculares flexíveis, e com custos decrescentes por estudante.

Apesar de o EaD estar entre nós, de maneira mais sistemática, há pelo menos, mais de um século, ainda estamos a tentar encontrar um modelo pedagógico próprio para esta modalidade de educação, diferente do utilizado no ensino presencial. Com o rápido desenvolvimento da educação *online*, essa pressão aumenta e torna-se necessário definir as estratégias pedagógicas associadas ao EaD.

Há conceitos que, pela sua pouca maturidade ou grande dependência com outros já dominantes, demoram muito a afirmar-se a partir das suas próprias características. Com o EaD aconteceu assim e ainda acontece. Primeiro, por ser mais simples e directo, definiu-se o que não seria EaD. Pelo que, somente a partir dos anos 70 e 80, o EaD foi visto pelo que é, ou seja, a partir das características que o determinam ou pelos seus elementos constitutivos.

Desta forma, as primeiras abordagens conceituais, que qualificavam o EaD pelo que não era, tinham um referencial externo ao próprio objecto como paradigma, pois estabeleciam comparação imediata com a educação presencial, também denominada educação convencional, directa ou face-a-face, onde o professor, presente em sala de aula, é a figura central. Esse comportamento não é de todo incorrecto, mas promove um entendimento parcial do que é o EaD, e, em alguns casos, estabelece termos de comparação pouco adequadas para um estudo científico.

Ao nível das características do EaD, e em função de tudo o que foi dito, temos que o essencial se resume ao seguinte: **Abertura**: diversidade e amplitude de oferta de cursos, com eliminação de barreiras e requisitos de acesso, atendendo a uma população numerosa e dispersa, com níveis e estilos de aprendizagem diferenciados; **Flexibilidade**: de espaço, de assistência e tempo, de ritmos de aprendizagem, com distintos itinerários formativos que permitam diferentes entradas e saídas e a combinação trabalho/estudo/família; **Eficácia**: o indivíduo é motivado a se tornar sujeito de sua própria aprendizagem, a aplicar o que está a aprender, a se avaliar, e para isso, deverá receber suporte pedagógico, administrativo, cognitivo, através da integração dos meios da comunicação bidireccional; **Formação permanente**: no campo profissional, há uma grande procura para a continuidade da educação formal e, conseqüentemente, aquisição de novos valores, interesses, atitudes e conhecimentos; **Economia**: evita a deslocação e a ausência do local de trabalho; **Padronização**: evita a transmissão do conhecimento de forma diversificada, provocando diferentes níveis de formação dos utilizadores.

2 Os Elementos fundamentais do Ensino a Distância

O EaD [1] é um sistema tecnológico de comunicação bidireccional, que pode ser massivo e que substitui a interacção pessoal, na sala de aula, entre professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela acção sistemática e conjunta de diversos recursos didácticos e pelo apoio de uma organização e tutoria que propiciam a aprendizagem independente e flexível dos alunos.

Baseando-nos nesta definição de EaD, podemos destacar os seguintes elementos:

- "Distância" física facilitador-aprendente: a presença do facilitador ou da pessoa com quem o aprendente vai dialogar não é necessária e indispensável, para que se dê a aprendizagem;

- Estudo individualizado e independente: capacidade do aprendente de construir seu caminho e seu conhecimento por si mesmo, tornando-se autodidacta e autor de suas práticas e reflexões [6];
- Processo de ensino-aprendizagem mediatizado: o EaD deve oferecer suporte e estruturar um sistema, que viabilize e incentive a autonomia dos aprendentes nos processos de aprendizagem [5];
- Uso de tecnologias: o recurso a meios de comunicação, como a rádio, a televisão, a internet, permitem romper com as barreiras da distância, das dificuldades de acesso a educação e dos problemas de aprendizagem, por parte dos aprendentes que estudam individualmente, mas não isolados e sozinhos. Oferecem, também, possibilidades de estimular e motivar o aprendente, de armazenar e divulgar dados, de acessar informações mais distantes rapidamente [11].
- Comunicação bidireccional: o aprendente não é mero receptor de informações e de mensagens. Apesar da distância, estabelecem-se relações de diálogo, relações criativas, de crítica construtiva e participativas.

Para alguns autores [8], a característica geral mais importante do EaD, era a comunicação não directa que lhe servia de base. No entanto, hoje, com as novas tecnologias, em que os melhores exemplos são a internet e a videoconferência, o EaD também se pode basear na comunicação directa. Segundo este mesmo autor, as características gerais do EaD podem ser agrupadas em seis categorias principais [8]:

- (1) A base do estudo a distância é normalmente um curso pré-produzido, que costuma ser impresso, mas também pode ser apresentado por outros meios distintos da palavra escrita, como por exemplo, em registo áudio ou vídeo, em programas de rádio ou televisão ou jogos experimentais, via videoconferência ou internet. O curso deve ser auto-instrutivo, ou seja, ser acessível ao estudo individual, sem a necessidade de apoio do professor. Por razões práticas, a palavra curso é empregue para se referir aos materiais de ensino, antes mesmo do processo ensino-aprendizagem.
- (2) A comunicação organizada em duas direcções, tem lugar entre os alunos e/ou entre alunos e uma organização de apoio. O meio mais comum utilizado para o efeito é a palavra escrita, mas o telefone converteu-se num instrumento de grande referência na comunicação a distância, e hoje, temos também, como forte aliado nesta comunicação, a internet, que através do e-mail e dos grupos de discussão, tem demonstrado grande utilidade e facilidade para os indivíduos comunicarem entre si, aliando rapidez a um baixo custo.
- (3) O EaD leva em conta o estudo individual, servindo expressamente ao aluno isolado, no estudo que realiza por si próprio. Actualmente, o estudo isolado ainda tem algum ênfase, mas com as novas tecnologias da comunicação, tem crescido o número de cursos com propostas de trabalhos cooperativos e colaborativos entre os alunos.
- (4) Uma vez que o curso produzido é facilmente utilizado por um grande número de alunos, e com um mínimo de gastos, o EaD pode ser - e é frequentemente - uma forma de comunicação massiva.
- (5) Quando se prepara um programa de comunicação para ser “divulgado” a muitos utilizadores, é mais prático aplicar-lhe os métodos do trabalho empresarial. Esses métodos incluem: planeamento, procedimentos de racionalização, tais como divisão de trabalho, mecanização, automatização, controle e verificação.

(6) Os enfoques tecnológicos implicados não impedem que a comunicação pessoal, em forma de diálogo, seja central no estudo a distância. O autor considera que o estudo a distância está organizado de uma forma mediatizada, de conversação didática guiada.

Já para outros [10], são características essenciais do EaD:

- (1) A separação do professor e do aluno, o que a distingue das aulas face-a-face.
- (2) A influência de uma organização educacional que a distingue do ensino presencial.
- (3) O uso de meios técnicos geralmente impressos, para unir o professor e aluno, e oferecer o conteúdo educativo do curso.
- (4) O provimento de uma comunicação bidireccional, de modo que o aluno possa beneficiar, estabelecendo um diálogo.
- (5) O ensino aos alunos como indivíduos e raramente em grupo, com a possibilidade de encontros ocasionais, com propósitos didáticos e de socialização.
- (6) A participação numa forma mais industrializada de educação, baseada num conjunto de considerações de que o EaD se caracteriza por: divisão de trabalho, mecanização, automação, aplicação de princípios organizativos, controle científico, objectividade do ensino, produção massiva, concentração e centralização.

Por fim, existem ainda autores que referem também, um conjunto de características do EaD, que consideram fundamentais, e que passamos a enumerar [9]:

- (1) “Pode-se atender, em geral, a uma população estudantil dispersa geograficamente e, em particular, àquela que se encontra em zonas periféricas, e que não dispõem das redes de instituições convencionais.
- (2) Administra mecanismos de comunicação múltipla, que permitem enriquecer os recursos de aprendizagem e eliminar a dependência do ensino face-a-face.
- (3) Favorece a possibilidade de melhorar a qualidade da instrução, ao atribuir a elaboração dos materiais didáticos aos melhores especialistas.
- (4) Estabelece a possibilidade de personalizar o processo de aprendizagem, para garantir uma sequência académica que responda ao ritmo do rendimento do aluno.
- (5) Promove a formação de capacidades para o trabalho independente, e para um esforço auto-responsável.
- (6) Formaliza vias de comunicação bidireccionais, e frequentes relações de mediação dinâmica e inovadora.
- (7) Garante a permanência do aluno no seu meio cultural e natural, com o que se evitam os êxodos que incidem no desenvolvimento regional.
- (8) Alcança níveis de custos decrescentes, já que, depois de um forte peso financeiro inicial, existe uma ampla margem de cobertura, devido a sua utilização exponencial.
- (9) Realiza esforços que permitem combinar a centralização da produção, com a descentralização do processo de aprendizagem.
- (10) Precisa de uma modalidade para actuar com eficácia e eficiência na atenção de necessidades conjunturais da sociedade, sem os desajustes provocados pela separação dos utilizadores dos seus campos de actuação”.

3 A audiência do ensino a distância

Com base nos seus estudos sobre educação superior a distância e nos trabalhos de Börje Holmberg, Anthony Kaye e Greville Rumble, Armengol [2], enumera, pormenorizadamente, as seguintes características do EaD:

a) população estudantil relativamente dispersa, devido a diversas razões, desde a situação geográfica, às condições de emprego, incapacidade física, etc.

Um grande número de alunos, principalmente adultos, ao mesmo tempo que têm uma enorme necessidade de prosseguir ou de aperfeiçoar os seus estudos, por motivos variados, principalmente a impossibilidade de se subordinar a rigidez de horários e locais das escolas presenciais, não conseguem acesso ao ensino. No caso daqueles que já têm uma profissão e trabalham em horário integral, é quase impossível compatibilizar os seus horários profissionais, e as suas responsabilidades familiares, com um novo curso. Assim, o EaD aparece como o único meio adequado de lhes dar acesso a novos saberes.

b) população estudantil predominantemente adulta, que apresenta peculiaridades que justificam enfoques educativos andragógicos.

No caso de população adulta, a maioria dos indivíduos que recorre ao EaD, é fundamental que os projectos tenham, desde seu início, a perspectiva de valorização da experiência individual, não somente no que se refere ao tema a ser estudado mas, e principalmente, no tratamento dos conteúdos a partir da experiência de vida e cultura dos alunos.

Quanto valorização da experiência anterior, deve-se ter em conta aspectos importantes quer da cultura geral, quer da cultura local. Tratando-se de pessoas com pouca escolaridade formal ou indivíduos educados em processos que pouco incentivavam a iniciativa individual, é imperativo que os cursos sejam precedidos de módulos, que ensinem como estudar, como utilizar seu tempo e estimulem o aluno a tomar iniciativas e a construir sua autonomia. Esse processo deve ser adequadamente controlado, como meio de avaliar se o curso está realmente a atingir os seus objectivos, e se os alunos estão a superar estádios de apatia e subordinação, vencendo barreiras e desenvolvendo sua autonomia e independência. De qualquer modo, é fundamental que sejam doseados adequadamente os conceitos tratados em cada etapa do curso, evitando-se sobrecarregar o aluno com conteúdos que podem confundir mais que esclarecer.

c) cursos que pretendem ser auto-instrucionais, mediante a elaboração de materiais que apelam para o estudo independente, contendo objectivos claros, auto-avaliações, exercícios, actividades e textos complementares. Estes cursos podem ser autosuficientes, e constituir-se um guia para o estudo de um conjunto de outros textos, fomentando a capacidade de observação, a capacidade crítica e o pluralismo de ideias, aspectos especialmente valiosos nos estudos universitários.

Do ponto de vista da preparação dos materiais, há uma diferença fundamental entre a educação presencial e a distância. Neste último caso, é importante que os materiais sejam preparados por equipas multidisciplinares/transdisciplinares, que incorporem nos instrumentos pedagógicos escolhidos, as técnicas mais adaptadas para a auto-instrução, tendo em vista que o processo de aprendizagem deverá dar-se com uma pequena participação de apoios externos. O centro do processo de ensino, passa a ser o aprendiz.

É essencial, também, que se procure ir ampliando as possibilidades de escolha dos aprendentes oferecendo visões alternativas sobre o mesmo problema e materiais complementares que auxiliem na formação de um pensamento crítico e analítico.

d) cursos pré-produzidos, que geralmente utilizam textos impressos, mas combinando uma ampla variedade de outros meios e recursos, tais como: suplementos de periódicos e revistas, livros, rádio e televisão, em circuito aberto ou fechado, filmes, e, especialmente, microcomputadores, vídeo, vídeotexto, vídeoconferência, comunicações mediante telefone e satélite.

Para a implementação de um sistema de EaD ou mesmo a ampliação de um já existente, há que considerar, além desses aspectos enunciados por Armengol, as tendências comunicativas, tanto no que diz respeito a equipamentos (hardware) quanto a programas (software), para que não se façam investimentos que se tornem obsoletos no curto prazo.

e) comunicações em massa, uma vez, os cursos estejam produzidos, é possível, conveniente e economicamente vantajoso, utilizá-los para um público numeroso.

É imprescindível, porém, testar adequadamente os materiais em situações que possibilitem sua avaliação precisa. Caso contrário, o custo poderá ser muito grande e o resultado relativamente pequeno.

Tratando-se de um curso de longa duração, para que não se perca muito tempo, recursos financeiros e desgaste, e as equipes em esforços concentrados para a reformulação de todo o material de tempos em tempos, é recomendável, que uma parte da equipe, esteja sempre a trabalhar na reformulação e actualização de materiais, interagindo com outras equipes e instituições que estejam a pesquisar novas metodologias e linguagens. Desta forma, é possível diluir-se o investimento de renovação ao longo do tempo, e ir-se disseminando os novos conhecimentos por todas as equipes produtoras e técnicas.

f) comunicações organizadas em duas direcções, que se produzem entre os aprendentes e o centro produtor dos cursos. Esta comunicação realiza-se mediante tutorias, orientações, observações sobre trabalhos e ensaios realizados pelo aprendente, auto-avaliações e avaliações finais. Os principais meios de comunicação são, a palavra escrita, o telefone, a rádio, reuniões entre tutor e aprendente ou com pequenos grupos, o e-mail, os grupos de discussão.

g) estudo individualizado, sem pretender que seja uma característica exclusiva desta forma de ensino, contudo, "aprender a aprender" constitui um recurso especialmente importante para o aprendente a distância, e é deste ponto que o seu desenvolvimento deve ser impulsionado neste tipo de educação [4].

Mesmo para os projectos/cursos que sejam fortemente baseados na recepção em grupo, há que se considerar este aspecto importante: o aprendente é um indivíduo com características próprias, que devem ser respeitadas; do mesmo modo, deve merecer atenção o ritmo de estudo individual. Portanto, deve-se considerar o seu comportamento e os mecanismos facilitadores de aprendizagem nesta situação.

Um dos projectos de maior significado, do ponto de vista da eficácia do EaD, é a incorporação de procedimentos educativos que auxiliem o estudante a ingressar na modalidade educativa a distância. Os alunos, geralmente, têm forte influência dos métodos presenciais e, principalmente, são pouco educados a estudar a partir de seu próprio esforço individual. Neste caso, é fundamental que se oriente o aprendente (não só num momento inicial, mas durante todo o período em que estiver a realizar actividades a distância) a estudar por conta própria, desenvolvendo capacidades de independência e iniciativa.

h) forma mediadora de conversação guiada, sendo este um aspecto destacado, especialmente por Holmberg, ressaltando como fundamental os aspectos relacionados com a separação entre o facilitador e o aprendente, que condicionarão as formas em que se dá a comunicação entre ambos.

As formas mais simples de EaD, baseadas somente em textos impressos, podem e devem incorporar, desde sua preparação, procedimentos de conversação de dupla via, que podem estar incorporados nos textos e exercícios, na auto-avaliação contínua, na concessão de adequada orientação, de como e quando outros instrumentos de conversação poderão ser utilizados, facilitando o acesso do aprendente ao facilitador, ao tutor, aos animadores, etc. Porém, as novas tecnologias de comunicação, tem facilitado muito, pela rapidez e pelos baixos custos, a ligação do aprendente aos apoios didáticos. Não obstante isso, deve-se evitar a ideia de que a facilidade de comunicação substitui os defeitos dos materiais, pelo contrário, ela deve aparecer apenas como um meio a mais para permitir o sucesso do aprendente.

4 A Internet e o Ensino a Distância

Com o desenvolvimento da internet, as fronteiras para o EaD abriram-se, podendo reunir-se num só meio de comunicação, as vantagens dos diferentes modos de se comunicar informações e ideias, de forma cada vez mais interactiva, reduzindo-se custos e ampliando as possibilidades de auto-aprendizagem, principalmente através do uso das inúmeras opções de busca de informações, na grande rede mundial.

i) tipo industrializado de ensino aprendizagem, a produção massiva de materiais auto-instrucionais implica uma clara divisão do trabalho na criação e produção, tanto intelectual, como física dos materiais. Ainda que, além deste modelo existam outros, este é um dos mais utilizados e importantes a escala mundial.

É importante observar que este modelo pressupõe ou, no mínimo, tem como consequência a valorização do trabalho multidisciplinar/transdisciplinar, em equipe, quase sempre ausente ou tendencialmente ausente, do processo de educação presencial, onde a figura central é o professor.

j) crescente utilização de novas tecnologias de informação. As antigas tecnologias de informação utilizavam principalmente meios mecânicos e eléctricos para exercer suas funções; pelo contrário, as novas tecnologias da informação dependem mais da electrónica, e fundamentalmente compreende três tecnologias convergentes: computadores, microelectrónica e telecomunicações [7]. As possibilidades destas novas tecnologias para o EaD são extraordinárias. A informação, por si só, não significa educação, no entanto, é certo que o conhecimento se baseia na informação [12].

Os avanços na área dos microcomputadores, indicam uma tendência de crescimento na área da educação, nomeadamente, quando a universalização, a baixo custo, do multimédia e da "realidade virtual". Esta última, quando melhor desenvolvida, será muito útil certamente para o ensino de matérias que requerem exercícios e experiências simuladas.

Há muitos críticos na utilização da tecnologia comunicativa na educação. Grande parte das observações contrárias a utilização de modernas tecnologias na educação, tem origem, não por causa da tecnologia em si, mas principalmente pelo uso que dela se faz. Por um lado, não se prepara os profissionais da educação para tirarem o máximo proveito da tecnologia e, por outro, esta tem, em várias ocasiões, servido simplesmente como meio de fixação de uma mensagem única e acrítica.

k) tendência a adoptar estruturas curriculares flexíveis, via módulos e créditos; tais estruturas permitem uma maior adaptação às possibilidades e aspirações individuais da população estudantil, sem que isto venha em detrimento da qualidade académica do

material instrucional. Tão pouco, neste caso, se pode pretender que este aspecto seja exclusivo do EaD, mas indubitavelmente, para ela representa a possibilidade de oferecer aos seus aprendentes uma abertura e facilidades que na educação presencial, só é possível oferecer nos estudos de pós-graduação.

1) custos decrescentes por estudante, depois de elevados investimentos iniciais, e quando se combinam uma população estudantil numerosa com uma operação eficiente, o EaD pode obter maior rentabilidade. O sistema de educação convencional exige grandes investimentos em recursos humanos, no entanto, a concepção de materiais de boa qualidade, adequados para o EaD é mais dispendioso em termos de tempo do facilitador, hora do aprendente e tempo de aprendizagem, que nos casos do ensino convencional face-a-face. Efectivamente, os custos iniciais de produção física, distribuição e transmissão podem ser muito elevados e certamente muito mais custosos, que o caso de sistemas tradicionais, contudo, a variável custo de ensino, é geralmente mais baixa no EaD, sempre e quando a população estudantil a ser atendida for em número suficiente [4].

Porém, já podemos identificar algumas características do EaD que nos encorajam a tentar defini-lo sem correr o risco de grande erro. O Centro de Tecnologia Instrucional da Faculdade de Educação do Sul da Flórida, explica que o EaD, pode ser definido com base nos seguintes critérios:

1. Professores e alunos estão separados pela distância, podendo estar em diferentes salas de aula, numa mesma escola ou em localidades diferentes, a muitos quilómetros de distância uns dos outros.
2. O meio de instrução utilizado pode ser, impresso, voz, vídeo, ou qualquer outra tecnologia electrónica.
3. A comunicação é interactiva, na qual o facilitador recebe *feedback* do aprendente, que tanto pode ser em tempo real, como virtual [3].

Apesar de o EaD estar entre nós de maneira mais sistemática, há pelo menos, mais de um século, ainda estamos a tentar encontrar um modelo pedagógico próprio para esta modalidade de educação, diferente do utilizado no ensino presencial. Com o desenvolvimento avassalador da educação *online*, essa pressão aumenta e torna-se necessário definir o modelo com maior urgência.

A sociedade da aprendizagem, parece ser uma realidade entre nós, pois não se pode mais parar de aprender, e que, o EaD tem se apresentado como uma alternativa de aprendizagem adequada à vida profissional, que torna necessário estar sempre actualizado.

Uma das características do EaD e dos modelos pedagógicos inerentes a esta realidade, leva a dizer que estamos a voltar ao início dos tempos, em que, na universidade, o aluno procurava os seus professores e escolhia créditos e matérias. A comunicação *online* facilita este modelo de individualização da aprendizagem, inviável no paradigma presencial de educação de massa. Uma das vantagens da educação *online* é a possibilidade de comunicar “de muitos para muitos”.

Uma outra característica apontada por alguns autores, é que [13]: o novo no EaD nasce dos avanços da distância e da tecnologia, (re)orientando a nossa forma de pensar, olhar e agir a realidade, e exigindo de nós movimento no aprender e no ensinar, que rompem profundamente com o modelo de educação ainda dominante.

E se pensarmos que o EaD via internet, não tem mais do que 10 anos, então percebemos que estamos diante de algo mesmo muito novo em Educação. Ainda não transcorreu tempo suficiente para amadurecer conceitos e modelos.

5 Conclusão

Há conceitos que, pela sua pouca maturidade ou grande dependência com outros já dominantes, demoram muito a afirmar-se a partir das suas próprias características. Com o EaD aconteceu assim, ou como vamos referindo ao longo deste trabalho, ainda acontece. Primeiro, por ser mais simples e directo, definiu-se o que não seria o EaD. Pelo que, somente a partir dos anos 70 e 80, o EaD foi visto pelo que é, ou seja, a partir das características que o determinam ou pelos seus elementos constitutivos.

Desta forma, as primeiras abordagens conceituais, que qualificavam o EaD pelo que não era, tinham um referencial externo ao próprio objecto como paradigma, pois estabeleciam comparação imediata com a educação presencial, também denominada educação convencional, directa ou face-a-face, onde o professor, presente em sala de aula, é a figura central. Esse comportamento não é de todo incorreto, mas promove um entendimento parcial do que é o EaD e, em alguns casos, estabelece termos de comparação pouco científicos.

Estudos mais recentes apontam para uma definição, se não homogênea, mais precisa do que é o EaD.

Ao nível das características do EaD, e em função de tudo o que foi dito, temos que o essencial se resume ao seguinte:

- Abertura: diversidade e amplitude de oferta de cursos, com eliminação de barreiras e requisitos de acesso, atendendo a uma população numerosa e dispersa, com níveis e estilos de aprendizagem diferenciados;
- Flexibilidade: de espaço, de assistência e tempo, de ritmos de aprendizagem, com distintos itinerários formativos que permitam diferentes entradas e saídas e a combinação trabalho/estudo/família;
- Eficácia: o indivíduo é motivado a se tornar sujeito de sua própria aprendizagem, a aplicar o que está a aprender, a se avaliar, e para isso, deverá receber suporte pedagógico, administrativo, cognitivo, através da integração dos meios da comunicação bidireccional;
- Formação permanente: no campo profissional, há uma grande procura para a continuidade da educação formal e, conseqüentemente, aquisição de novos valores, interesses, atitudes e conhecimentos;
- Economia: evita a deslocação e a ausência do local de trabalho;
- Padronização: evita a transmissão do conhecimento de forma diversificada, provocando diferentes níveis de formação dos utilizadores.

Bibliografia

1. Aretio, G.: Educación a Distancia Hoy. Madrid: UNED, Educación a distancia. (1994)
2. Armengol, M. C.: Universidad sin Classes. Educación a Distancia en America Latina. Caracas: OEA-UNA-Keplusz. (1987).
3. Barron, A.: Teacher's Guide to Distance Learning. Florida Center for Instruct Technology, College of Education, University of South Florida. (1998).
4. Chaves, E.: Tecnologia na Educação, Ensino à Distância e Aprendizagem Mediada pela Tecnologia: Conceituação básica. [Em linha] Disponível em www.edutecnet.com.br [Consultado em 18/07/2002]. (1999).

5. Ferreira, R.: A Internet como Ambiente de Educação à Distância na Formação de Professores. Universidade Federal de Mato Grosso. (2000).
6. Gutiérrez, F. & Prieto, D.: A Mediação Pedagógica na Educação à Distância Alternativa. Campinas: Papirus. (1994).
7. Hawdridge, D.: New Information Technology in Education. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. (1983).
8. Holmberg, B.: Educación a Distancia: Situación y perspectivas. Buenos Aires: Editorial Kapelusz. (1981).
9. Kaye, A. & Rumble, G.: Conceitos. [Em linha] Disponível em www.webschool.com.br/ead_conceitos.php3 [Consultado em 29/10/2001]. (s/ data).
10. Keegan, D.: Foundations of Distance Education. 2ª ed. Londres: Routledge. (1991).
11. Monteiro, R.: O Ensino à Distância e a Internet. [Em linha] Disponível em student.dei.uc.pt/~shadow/Educ.html [Consultado em 05/04/2002]. (1998).
12. Scriven, M.: "Breakthroughs in Educational Technology". In Ciriciobe-Coles, K. (ed.) The Future of Education: Policy issues and challenges. San Francisco: Sage. (1981).
13. Silva, M.: Sala de Aula Interactiva. RJ: Quartet. (2000).